



Entre a África e o Sítio Ágatha: uma perspectiva afrocentrada sobre agroecologia e ancestralidade

Between Africa and Sítio Ágatha: an afrocentric perspective on afroecology and ancestry

CAVALCANTE, Nzinga L. D.¹;

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, nzingacavalcante@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Ancestralidade, Terra e Território

Resumo: O texto relata a experiência de Nzinga Cavalcante de Lima Dias, uma descendente do povo Mbundo, trazido da África para o Brasil como escravizado. Ela compartilha sua jornada de reconexão com suas raízes ancestrais e sua luta pela preservação da memória e cultura de seu povo. Nzinga destaca a importância de compreender a ancestralidade e aprofundar-se em pesquisas sobre suas origens, utilizando o conceito africano de Sankofa, que significa "voltar" e "buscar". Ela descreve a resistência e as dificuldades enfrentadas pela comunidade de Tracunhaém, Pernambuco, onde estão assentadas, incluindo conflitos com usinas, despejos violentos e a imposição de uma linha de transmissão de energia elétrica produzida pelas turbinas eólicas em suas terras. Nzinga enfatiza a importância da agroecologia e da afroecologia como formas de resistência, reconexão com a natureza e construção de saberes populares. Ela destaca a necessidade de unir-se em coletividade e compartilhar conhecimentos para enfrentar as injustiças socioambientais e as estratégias de dominação impostas pelo capitalismo. A autora finaliza enfatizando a importância da espiritualidade, do sentir e do reconhecimento da presença da mãe África dentro de cada um, como forma de transformar o mundo e se conectar com a Afroecologia.

Palavras-Chave: afroecologia, mbundo, ancestralidade, sankofa

Contexto

O presente relato de experiência faz referência a um tempo em que eu ainda não estava aqui, um tempo onde aconteceu um sequestro, lá em África, ao povo Mbundo e trazidos até as terras do Engenho Vinagre, que pertencia a Nazaré da Mata, em Pernambuco, mas hoje é pertencente a cidade de Araçoiaba. Eu me chamo Nzinga Cavalcante de Lima Dias, filha de Luíza Cavalcante, neta de Maria José, bisneta de Honorata e tataraneta de Sá Fulô, mulheres que me antecederam. Também sou mãe de Ágatha Vitória Cavalcante, que me sucede. Seis gerações de mulheres Mbundo em diáspora. Temos uma terra, na qual passa uma linha de transmissão de energia elétrica gerada pelas turbinas de eólica, não porque queremos, mas por imposição. Antes de contar essa história, trago um breve relato de como chegamos nessa terra. Nossa terra África, a África que conhecemos e que fica localizada no Engenho Tocos, Assentamento Chico Mendes I, Sítio Ágatha, parcela 59, Tracunhaém, Pernambuco.



Após o despejo de 2003, passamos ainda por outras privações, até que chegou a posse da terra, fomos assentadas na parcela 59 no Engenho Tocos. Pensávamos que seria o fim da luta, onde eu poderia construir e transformar aquele sistema que estava posto, que se tratava uma área de cana de açúcar onde o machismo e o patriarcado dominam. Um dos primeiros impactos socioambientais ocorreu com o ateamento de fogo na nossa parcela. Os incêndios criminosos ocorreram diversas vezes em nossas plantações, reduzindo nossa terra a simplesmente pó e cinza. Choramos e nos desesperamos, mas reconstruímos esta terra. Fomos construindo, reflorestando e hoje temos um oásis em meio ao canavial.

Mas não pense que são mil maravilhas. No ano de 2019, chegaram grupos da empresa Engenharia Rialma falando que tinham uma concessão para passar com uma linha de transmissão, a qual chegaram construindo sem nos perguntar. Questionamos e paramos a obra em alguns momentos, mas ainda assim a torre foi implantada e causou danos em cerca de 4 hectares. Esse dano ocorre com a supressão do solo, morte de aves e aumento do escoamento superficial da água, gerando erosão e deslocamento da fauna quando a camada vegetal é retirada para construção dessas torres de transmissão. A gente continua fazendo essa analogia: voltamos à África e percebemos como foi instituída a escravidão. A gente se depara com uma nova forma, uma nova “roupagem”, de sequestrar e aprisionar o povo, seja na política, na religião ou na imposição dos megaempreendimentos.

Descrição da Experiência

A terra chama e ensina a gente a sobreviver. Temos uma responsabilidade muito grande em preservar e cuidar da memória dos nossos antepassados, os que já foram e os que ainda estão em meio a nós. A ancestralidade, além de elemento subjetivo, resulta em ações concretas onde os saberes afloram em práticas. Quando você ler e pesquisar, vai ver que este trabalho só fala em ancestralidade. Nesse sentir, nessa percepção de se conectar com o imaginário sem sair do lugar. Estamos sentindo e conhecendo o Sankofa (termo em língua Akan, que significa “voltar”, “buscar”), que veio a resultar no desenvolvimento de várias atividades, mais recentemente no campo da pesquisa das minhas origens. Em uma conversa com minha mãe, minha bisavó contou que tínhamos voltado ao umbigo. Minha mãe a questionou para entender do que ela estava falando. Minha bisavó Honorata relatou que nasceu nessas terras, depois de sua mãe Sá Fulô ter sido sequestrada de Mbundo. Assim iniciou sua ramagem, que hoje chega a mim, quinta geração do povo Mbundo em diáspora. Honorata que conhecia todo o território, pois andava com outras meninas bonitas nos carros de boi para enfeitá-los e chamar atenção para a venda da cachaça, pois o Engenho Vinagre era o melhor nessa produção. A partir do resgate dessa história foi que a gente começou a compreender o chamado que a terra faz, reunindo as suas raízes que estão espalhadas porém conectadas a um sistema de naturezas.

Hoje estamos em retomada. Compreendendo e entendendo o nosso lugar e o nosso espaço, valorizando as nossas vivências. Somos mulheres desenvolvendo a



Afroecologia na Zona da Mata Norte de Pernambuco, município de Tracunhaém. Esse processo de retomada à nossa ancestralidade iniciou de uma forma muito interessante. Desde que acampamos, em 9 de fevereiro de 1997, ficando 9 anos embaixo da lona preta. Hoje, há 16 anos, estamos assentadas pela reforma agrária no Complexo Prado, onde fica localizado o assentamento Chico Mendes. Viver no acampamento é lutar pela terra prometida, desde que nossa história foi arrancada de Mbundo. Refletir sobre esse processo é muito forte; pois ainda se formos fazer uma analogia, podemos perceber que não é muito diferente o que fizeram no continente africano e o que fazem hoje no Brasil. Por isso precisamos contar nossa história, dizer de onde somos, compartilhar nossos saberes e nossa resistência. Através da reforma agrária estamos resistindo e aprendendo que a nossa terra é sagrada, a nossa ancestral está enterrada nesta terra, sumida nela. Os colonizadores nem sabem, mas estamos reconstituindo a nossa África, nosso continente, nosso quilombo chamado de Sítio Ágatha.

Em 1997, ao acampar, vivemos diversos processos grupais, interativos, informativos e violentos. Violências por parte do Estado e das usinas, mas resistimos. Em 3 de julho de 2003, vivenciamos um dos piores despejos já registrado nessa região da Mata Norte de Pernambuco, considerada a maior guerra de baixa intensidade em zona rural de Pernambuco, onde sonegaram nossos direitos, invadiram nosso acampamento, bateram, prenderam e destruíram nossas moradias. Mas a ancestralidade é tão forte que o nosso povo resistiu. Anterior a esse processo de resistência, tiveram os conflitos estabelecidos entre a Usina Santa Tereza contra os acampados da reforma agrária dos Engenhos Prado, Papicu e Taquara. Nesse processo as usinas autorizaram a destruição da nossa lavoura, das nossas casas e dos nossos sagrados. No documentário Guerra de Baixa Intensidade (2003; Telefone Colorido) podemos ver a violência vivida pelos agricultores. Nesse conflito ficamos com o corpo todo marcado pela utilização de táticas de guerra com uso de herbicidas, spray de pimenta, bombas de gases e o envenenamento das águas. Faço essa comparação porque a necropolítica vem mostrando as formas de dominação do governo e o plano genocida que eles operam para nos dominar e nos aprisionar. E aí volto e fico pensando, por que sequestraram nossos antepassados? A que preço? Eu volto novamente para o tempo de hoje e vejo que isso é uma prática antiga, onde uma minoria explora, mata e sequestra um povo menos favorecido. Assim como hoje em dia eles chegam nas comunidades rurais, periféricas, ribeirinhas e cooptam o povo, compram o povo e destroem esse povo. É muito grave o que acontece, o povo tenta até resistir, mas o capitalismo aprisiona.

Precisamos perceber que a política não mudou, As invasões de terra não estão só expulsando os povos, agora são as concessões de terras divididas de forma arbitrária, que eles compram para invadir os territórios, gerando gigantesco impacto socioambiental, mantendo uma lógica de exploração de recursos e trabalho ineficiente, insustentável e antiquado e prejudicando a vida dos animais que ali vivem. Dessa forma acabam com as espécies vegetais e tiram do povo sua morada e sua fonte de trabalho e alimento. Além de tirar seu poder de decisão, promovendo a confusão e a desunião das pessoas através de ofertas irrecusáveis, sob uma



perspectiva financeira. Em contrapartida, os prejuízos que a terra é submetida são enormes, tais como o desmatamento, degradação do solo, a exposição a agentes erosivos e a perda de biodiversidade. A vida das pessoas também são duramente impactadas, pois a instalação dessas torres de transmissão mudam toda a dinâmica da vida e causam inclusive prejuízos à saúde. Todos esses problemas podem se estender por muitas gerações.

Resultados

Dentro de todos esses contextos relatados, o Sítio Ágatha possui um histórico de resistência e enfrentamento diante de injustiças, pois a própria herança da ancestralidade assim ensinou e se mantém. Maturidade necessária ao enfrentamento. Para denunciar os abusos ocorridos decorrente da instalação da linha de transmissão foi elaborada uma cartilha de forma coletiva. O material foi resultados de estudos e pesquisas, onde viemos entender e compreender que as injustiças socioambientais, ou os impactos dos megaempreendimentos, causa cobiça e destrói os povos. Mas principalmente as mulheres, pretas, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, das florestas e do universo.

Ao observar esses mapas disponíveis online que permitem acessar informações de interesse público de concessões, vemos que nossas áreas estão vendidas para grandes empresas. Eu não estou falando da camada que a gente pisa, estou falando das camadas mais profundas. Eles chegam e se acham no direito porque o capitalismo destrói desde que o mundo se tornou mundo. Antes não tinha o nome “capital” ou “-lismo”, ou será que é só “capitalismo”? Essa compreensão precisa ser melhor entendida, para poder trabalharmos e transformar. Mas de uma coisa tenho certeza, quando olharmos e entendermos que somos uma unidade: seres-naturezas. A Agroecologia e a Afroecologia serão expandidas e contribuirão com reconhecimento dos povos que possuem a natureza como sua aliada. Nessa perspectiva, estamos construindo a Teia dos Povos, juntamos saberes e andamos juntos para contribuir com os processos coletivos. Andamos alinhadas e conectadas, produzindo conhecimentos, saberes populares e acessando a ancestralidade para que ela venha nos modificar.

O fazer Afroecológico é uma forma de se conectar com os elementos das naturezas invisíveis e visíveis. Uma forma de sentir a terra e de entender o que as plantas querem dizer. Um fazer que ainda estamos na descoberta. Tudo é muito sentir. Temos alguns pensadores que falam dessa conexão, o Daniel Munduruku fala de sua relação com o avô e como isso despertou a sua ancestralidade. Com isso, eu digo que a Afroecologia é a forma de realizar conexões com o ser. O ser enquanto poder, poder de transformar, poder de recriar, poder de repensar e poder sentir. Você vai procurar vários conceitos para entender o sentir. Estamos descobrindo este fazer, desenvolvendo na prática, buscando sabedoria através do sagrado. A espiritualidade vem se desenvolvendo e moldando todos os dias cada uma de nós, tornando-nos naturezas.



O fazer Afroecologia não possui receitas, vai além de uma fórmula que diz: “assim vai dar certo”. Ele abre espaço para a possibilidade de se fazer transformar, construir e reinventar. Mas principalmente, transformar-se. Porque quando conseguimos compreender o sentido de ser natureza, a gente consegue ver e sentir os movimentos que a vida vai dando. Pega numa frase só: “A gente transforma o mundo”. A frase até me foge da cabeça, pra deixar essa conversa potente, mas aí vai surgindo e a gente vai construindo. Pois a percepção da Afroecologia passa pelo axé de fala, onde nos permitimos ser o vaso encantado. Não sei ainda como lidar, como transformar, estou em processo de moldagem, de transformação, de ressignificação de quem sou eu. Compreendendo que a mãe África pulsa dentro de nós e que precisamos nos conectar para sentir ela brotar. Até pensei que a frase não ia sair, mas acabou saindo: “A mãe África está presente em nós, precisamos nos conectar para Deus trabalhar!”

Falei anteriormente de uma subjetividade, do sentir. Quando a gente passa para o campo da política, seja ela partidária ou humanitária, a gente consegue perceber que a Afroecologia traz como princípio as relações de confiança. Seja para chegar nas comunidades, ao compartilhar e receber os saberes populares. Buscando sempre a humildade e vendo que ninguém sabe mais do que ninguém assim como afirma Paulo Freire: “Não existe saber mais ou saber menos, existem saberes diferentes”, afinal estamos nesse mundo para aprender, compartilhar, e se conectar. Falar das produções para mim é incrível, falar dos mutirões, que são as maiores trocas de saberes que se realizam, de oficinas, construções de tecnologias autônomas, mas acredito que nossa maior produção é entender que a gente não se cabe dentro dessa agroecologia que está sendo posta. Por isso, criamos e nos conectamos com o que é o nosso maior fruto que a ciência vem nos dando e vem nos transformando, que é a Afroecologia.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus agradecimentos inicialmente a Deus meu pai Oxalá, por me conceder a oportunidade de me conectar com minha ancestralidade. A minha mãe Luiza Cavalcante, a minha filha Ágatha Vitória Cavalcante e demais familiares, aos meus amigos e amigas por estarem ao meu lado não me deixando sozinha e por compartilhar momentos. Aos professores Maria Virgínia e José Nunes por me incentivarem e acreditarem em mim.

Referências bibliográficas

Somé, M. P. (1999). **The Healing Wisdom of Africa: Finding Life Purpose Through Nature, Ritual, and Community**. Penguin.